

RIASE

REVISTA IBERO-AMERICANA DE SAÚDE E ENVELHECIMENTO
REVISTA IBERO-AMERICANA DE SALUD Y ENVEJECIMIENTO

AS FAKE NEWS E A SUA INFLUÊNCIA NA PANDEMIA DA COVID-19

FAKE NEWS AND ITS INFLUENCE ON THE PANDEMIC OF COVID-19

FAKE NEWS Y SU INFLUENCIA EN LA PANDEMIA DE COVID-19

Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2364-5787>

Fábio de Souza Terra – Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8322-3039>

Antônia Leda Oliveira Silva – Instituto Paraibano de Envelhecimento, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7758-2035>

Luiz Fernando Tura – Laboratório História, Saúde e Sociedade. Instituto de Estudos de Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4069-2542>

Autor Correspondente/Corresponding Author:

Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. avrmccr@eerp.usp.br

Recebido/Received: 2022-01-20 Aceite/Accepted: 2022-01-21 Publicado/Published: 2022-05-17

DOI: [http://dx.doi.org/10.24902/r.riase.2021.7\(3\).522.341-355](http://dx.doi.org/10.24902/r.riase.2021.7(3).522.341-355)

©Os autores retêm o copyright sobre seus artigos, concedendo à RIASE 2021 o direito de primeira publicação sob a licença CC BY-NC, e autorizando reuso por terceiros conforme os termos dessa licença.

©Authors retain the copyright of their articles, granting RIASE 2021 the right of first publication under the CC BY-NC license, and authorizing reuse by third parties in accordance with the terms of this license.

RESUMO

Esse estudo objetivou tecer reflexões acerca das *fake news* e sua influência na pandemia da COVID-19, com o intuito de identificar quais foram e continuam sendo as principais *fake news* em relação à essa doença. Foi adotado o método teórico-reflexivo acerca das *fake news* e a sua influência na pandemia da COVID-19. Para a busca dos artigos/textos foram utilizados, nos idiomas português e inglês, os descritores *fake news*, COVID-19, infecções por coronavírus, e repercussões à saúde. A busca ocorreu nas seguintes bases e bancos de dados: *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (Medline) via *Public Medline or Publisher Medline* (PubMed), *ScienceDirect*, *Scientific ElectronicLibrary Online* (SciELO) e *Scopus*, além da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). As *fake news* veiculadas na pandemia da COVID-19 geraram o aparecimento de variadas e preocupantes notícias nos meios de comunicação. As informações, por vezes verdadeiras e por vezes falsas, desencadearam insegurança na população; a situação perdura na atualidade e pode levar as pessoas a serem prejudicadas em relação à sua própria saúde. Diante de informações inverídicas relacionadas à pandemia em curso, os profissionais de saúde devem estar atentos para ofertarem uma correta orientação à população.

Palavras-chave: COVID-19; Fake News; Infecções por Coronavírus; Repercussões à Saúde.

ABSTRACT

This study aimed to reflect upon the influence of fake news on the COVID-19 pandemic, to identify what were and still are the main types of fake news regarding this disease. The theoretical-reflective method concerning the influence of fake news on the COVID-19 pandemic was employed. To search for articles/texts, the descriptors used in Portuguese and English were the following ones: fake news, COVID-19, coronavirus infections, and health repercussions. The search was carried out in the following databases: *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (Medline) via *Public Medline or Publisher Medline* (PubMed), *ScienceDirect*, *Scientific ElectronicLibrary Online* (SciELO), and *Scopus*, in addition to the *Virtual Health Library* (BVS). The fake news broadcasted on the COVID-19 pandemic generated the occurrence of varied and concerning news in the media. The information, sometimes true and sometimes false, triggered insecurity in the population; the situation persists today and can lead people to be harmed regarding their own health. Faced with untrue information related to the ongoing pandemic, healthcare providers must remain vigilant to offer the population correct guidance.

Keywords: Coronavirus Infections; COVID-19; Fake News; Health Repercussions.

RESUMEN

Este estudio ha pretendido reflexionar sobre las *fake news* y su influencia en la pandemia del COVID-19, con el fin de identificar cuáles han sido y siguen siendo las principales *fake news* en relación con esta enfermedad. Se adoptó el método teórico-reflexivo sobre *fake news* y su influencia en la pandemia de COVID-19. Para la búsqueda de artículos/textos se utilizaron los descriptores *fake news*, COVID-19, infecciones por coronavirus y repercusiones en la salud en portugués e inglés. La búsqueda se realizó en las siguientes bases de datos: *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (Medline) via *Public Medline* o *Publisher Medline* (PubMed), *ScienceDirect*, *Scientific ElectronicLibrary Online* (SciELO) y *Scopus*, además de la *Virtual Health Library* (BVS). Las *fake news* difundidas sobre la pandemia del COVID-19 generaron la aparición de variadas y preocupantes noticias en los medios de comunicación. La información, a veces verdadera y a veces falsa, desencadenó la inseguridad en la población; la situación persiste hoy en día y puede llevar a las personas a verse perjudicadas en relación con su propia salud. Ante la información falsa relacionada con la pandemia en curso, los profesionales sanitarios deben estar atentos para ofrecer una orientación correcta a la población.

Descriptores: COVID-19; Infecciones por Coronavirus; Noticias Falsas; Repercusiones Sanitarias.

INTRODUÇÃO

Fake news ou notícias falsas, como o próprio nome sugere, são informações falsificadas, falseadas ou desinformações veiculadas entre as pessoas, que podem resultar em retrocessos em relação à determinadas condutas das pessoas. São distribuídas em jornais impressos ou *on-line*, aparelhos de televisão e/ou rádio ou nas variadas mídias sociais existentes.

As notícias são escritas e publicadas com a intenção de enganar as pessoas, para a obtenção de ganhos financeiros ou políticos, muitas vezes com manchetes sensacionalistas, exageradas ou evidentemente falsas para chamar a atenção⁽¹⁾. Elas carecem de autenticidade e têm como objetivo enganar; são informações falsas e intencionalmente divulgadas para atingir interesses de indivíduos ou grupos⁽²⁾.

Essa expressão popularizou-se durante as eleições estadunidenses de 2016 e brasileiras de 2018; atualmente, é utilizada tanto com uma conotação depreciativa, que denuncia a mídia e o jornalismo, como também um termo abrangente para várias formas de informações erradas, mal orientadas ou fabricadas. Notícias falsas, neste último sentido, compõem um espectro mais amplo que varia de desinformação não intencional (reportagens descuidadas) até a desinformação intencional (propagandas). Os exemplos incluem discrepâncias de fatos ao longo de várias dimensões e aspectos das informações transmitidas, variando de recursos de conteúdo reais, à meta-informações e aspectos mais contextuais, com suas possíveis combinações⁽³⁾.

As *fake news* constituem-se, então, em histórias forjadas, fabricadas, não totalmente fundamentadas em fatos mas, o suficiente, para serem enganosas. Podem, inclusive, apresentar envolvimento político, para desestabilizar sistemas vigentes⁽⁴⁾.

Apesar de já existirem há muitos anos, a sua disseminação das redes sociais *on-line* e o seu compartilhamento alargaram as possibilidades para que atingissem novos patamares. Esse problema ganhou visibilidade pela capacidade de influenciar os sistemas políticos, especialmente processos eleitorais e acentuar a polarização política⁽⁵⁾. As redes sociais foram consideradas, há anos, meios de entretenimento para adolescentes; entretanto, na atualidade tornaram-se o principal veículo pelo qual as notícias são consumidas e, inclusive, auxiliam na formação das identidades políticas; conseqüentemente, são usadas para influenciar e manipular a opinião pública e, inclusive, o comportamento político em todo o mundo⁽⁶⁾.

Pessoas propensas à ilusão podem ter facilidade de aceitar, até mesmo, ideias implausíveis e irrelevantes, devido à sua tendência ao envolvimento com pensamentos menos analíticos e abertos. Nesse sentido, dois estudos *on-line* com mais de 900 participantes demonstraram que, embora as pessoas que tendessem à ilusão não estivessem mais propensas a acreditar em notícias verdadeiras, exibiam uma crença cada vez maior em manchetes com notícias falsas, que, muitas vezes, apresentam conteúdos implausíveis. Possivelmente, o estilo cognitivo analítico pode explicar, parcialmente, a maior disposição dessas pessoas em acreditar em notícias falsas; análises também mostraram que indivíduos dogmáticos e fundamentalistas religiosos eram mais propensos a acreditar em notícias falsas e que essas relações podem ser explicadas por esse estilo cognitivo analítico⁽⁷⁾.

Entretanto, as *fake news* podem representar os frutos de pensamentos individualistas, que gradualmente chegam aos coletivos, deduzindo-se que os seus produtores querem ter prestígio; ao compartilharem seu conteúdo, supõe-se a existência de intelectos narcisistas, advindos da necessidade de suprir as próprias frustrações geradas pelos convívios

sociais e padrões seguidos pela sociedade, necessitando de autoafirmação e transformando as informações em um ciclo vicioso, favorecendo a existência de um efeito cascata⁽⁸⁾.

Nos últimos anos, a preocupação com o aumento percebido na quantidade de notícias falsas prevaleceu nas discussões relacionadas à mídia e à política, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. No entanto, debates em torno dessas notícias parecem indicar processos que ocorrem não apenas nesses locais, mas, também, em outras regiões do mundo⁽⁹⁾.

Na África, muitas campanhas de notícias falsas ou desinformação têm sido usadas para influenciar as agendas políticas e os governos têm respondido com contramedidas. No Quênia, Nigéria e África do Sul, usando-se dados de uma pesquisa *on-line* (n= 1847) evidenciou-se que a percepção da exposição à desinformação era alta e que a confiança na mídia social e nacional era baixa; também foi identificada uma relação significativa entre os níveis mais altos de percepção de exposição à desinformação e os níveis mais baixos de confiança da mídia na África do Sul⁽⁹⁾.

No Brasil, cascatas de *fake news* políticas, para a difusão de informações em redes, foram geradas no Twitter relacionadas aos julgamentos políticos; ativistas podem ter sido os principais responsáveis pelo espalhamento dessas informações, com a utilização de contas institucionais e de lideranças como menções, amplificando a divulgação das informações e dando-lhes credibilidade, ampliando, dessa forma, a visibilidade da cascata⁽¹⁰⁾.

Durante as crises, as *fake news* podem aumentar as respostas comportamentais negativas dos consumidores, como a compra irracional ou a adoção de falsas medidas medicinais de precaução⁽¹¹⁾. O comportamento de compartilhá-las é determinado por diferentes motivos que devem ser compreendidos a fim de desenvolver melhores soluções para solucioná-los⁽¹²⁾.

Assim, o termo *fake news* tornou-se amplamente usado e propagou-se mais ainda durante a pandemia proporcionada pelo SARS-CoV-2, causador da COVID-19. Eram frequentes as notícias recebidas, principalmente por meio das mídias sociais, com informações as mais variadas e descabidas sobre essa doença, as vacinas, os medicamentos para a cura, as novas cepas do vírus, entre outros aspectos.

Então, o objetivo desse texto é tecer reflexões acerca das *fake news* e sua influência na pandemia da COVID-19, com o intuito de identificar quais foram e continuam sendo as principais *fake news* em relação à essa doença.

MÉTODOS

Na elaboração deste artigo foi adotado o método teórico-reflexivo acerca das *fake news* e a sua influência na pandemia da COVID-19, e pela característica do estudo, não houve necessidade da apreciação por um Comitê de Ética em Pesquisa.

Para a busca dos artigos/textos foram utilizados, nos idiomas português e inglês, os descritores Fake News, COVID-19, Infecções por Coronavírus, e Repercussões à saúde, extraídos do Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e do *Medical Subject Headings* (MeSH). A busca ocorreu nas seguintes bases e bancos de dados: *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (Medline) via *Public Medline* or *Publisher Medline* (PubMed), *ScienceDirect*, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Scopus*, além da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS).

Após definição dos materiais selecionados que auxiliariam a elaboração deste texto e a reflexão teórica sobre este tema, procedeu-se a construção do artigo. Essa construção ocorreu após leitura minuciosa desses materiais, a fim de identificar os trechos e os conteúdos que correspondiam aos atributos pesquisados e relacionados com a referida temática. Teve o apoio de literaturas nacionais e internacionais, uma vez que este tema é de abrangência mundial. Com isso, foram elaborados três pontos norteadores/categorias para apoiar o texto teórico-reflexivo deste artigo: a pandemia da COVID-19 e a abrangência das *fake news*, as *fake news* relacionadas à doença COVID-19 e seu tratamento e as *fake news* e como contê-las para minimizar seus efeitos.

REFLEXÃO TEÓRICA

A pandemia da COVID-19 e a abrangência das fake news

A pandemia da COVID-19, ora em curso, além de gerar uma grave emergência sanitária constatada em todos os países (até 14/12/2021 havia o indicativo que o número de casos acumulados no mundo era de 270 155 054 e, diariamente, tinha-se 419 050 casos; e quanto ao número de óbitos, tinha-se 5 305 991 e, por dia, 4277 mortes), favoreceu o aparecimento de várias notícias nos meios de comunicação. As informações, ora verdadeiras, ora falsas, deixaram as pessoas inseguras e sem saber direito o que fazer e como proceder. E esta situação perdura na atualidade.

Vale mencionar que a disseminação de notícias incorretas e a superabundância de informações foram e continuam sendo os principais desafios da pandemia, impulsionadas pelo cenário onipresente da mídia social⁽¹¹⁾. O surto da COVID-19 resultou na explosão de notícias falsas em plataformas da mídia social e outros sites da Internet em detrimento dos esforços para conter a propagação da doença⁽¹³⁾.

Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), durante a pandemia de coronavírus, notícias falsas colocaram vidas em risco e elas variaram desde múltiplas especulações sobre a origem do vírus até prevenção e curas infundadas, sem evidências científicas válidas. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a disseminação de desinformações relacionadas à COVID-19 caracterizou-se como um fenômeno “infodêmico”; com uma superabundância de informações, tanto *on-line* quanto *off-line*, incluindo tentativas deliberadas de disseminar informações erradas para minar a resposta da saúde pública e promover agendas alternativas de grupos ou indivíduos. A OMS, os Centros para Controle e Prevenção de Doenças (CDC) e outros órgãos criaram páginas da web específicas para conter os principais equívocos sobre o vírus e manter a conscientização pública⁽¹⁴⁾. Para a OMS, a infodemia pode agravar ainda mais a pandemia, pois dificulta que fontes idôneas e orientações confiáveis sejam encontradas por pessoas de modo geral, por responsáveis pela tomada de decisões e por profissionais de saúde, quando precisam⁽¹⁵⁾.

As *fake news* sobre a COVID-19 espalharam-se rapidamente na população, alcançando pessoas desde as mais graduadas até as com menos escolaridade, tornando-se uma verdadeira pandemia dentro da já existente situação pandêmica em curso. Assim, em vários países foi detectado esse problema, dificultando ainda mais o modo de se viver nessa emergência sanitária.

Estudo realizado no Brasil mostrou que no período de 29 de janeiro e 31 de março de 2020, no banco do Ministério da Saúde foram identificadas 70 *fake news* sobre a COVID-19, sendo 40 informações relacionadas aos discursos de autoridades na saúde, 17 sobre terapêutica, nove referentes às medidas de prevenção, duas relacionadas aos prognósticos da doença e duas sobre a vacinação. Apesar da literatura sobre o tema ainda ser escassa, a velocidade de produção dessas notícias mostrou-se relevante, especialmente ao pressupor o impacto social que pode causar e a sua capacidade de circulação⁽¹⁶⁾.

Uma investigação realizada na Alemanha explorou a associação entre a sobrecarga de informações e o compartilhamento de notícias falsas pelos consumidores durante a pandemia da COVID-19. Ao utilizar o modelo de desfecho estresse-tensão, este estudo forneceu evidências sobre o processo concreto que leva ao compartilhamento de notícias fal-

sas. Os resultados revelaram o efeito prejudicial da percepção da sobrecarga de informações sobre a tensão psicológica dos consumidores e sua probabilidade de compartilhar notícias falsas. Quando estressados por uma quantidade razoável de informações, esses consumidores são menos capazes de entender essas informações e são mais propensos a se envolver no compartilhamento de informações não confirmadas⁽¹¹⁾.

Estudo realizado na Malásia entrevistou 869 pessoas com idades entre 18 e 59 anos e detectou os motivos para o compartilhamento de *fake news* durante a pandemia em curso. Altruísmo e ignorância tiveram um efeito moderado, enquanto que o entretenimento teve um efeito significativamente fraco nessa disseminação⁽¹²⁾.

Uma amostra de 509 adolescentes e adultos com idades entre 11 e 67 anos na Romênia foi investigada quanto ao desengajamento moral e o *cyberbullying* em relação à divulgação de notícias falsas e a relação dessas variáveis com o uso compulsivo da Internet. O efeito indireto desse uso compulsivo no *cyberbullying* por meio do desengajamento moral foi significativo em adolescentes, mas não em adultos; os adolescentes pontuaram significativamente mais alto do que os adultos em todas as variáveis primárias. Os resultados enfatizam a importância de ter-se programas de educação *on-line* projetados para envolver adolescentes e adultos em um pensamento crítico, para auxiliar no processo de detecção de *fake news*, especialmente durante a atual pandemia em curso⁽¹⁷⁾.

Na Nigéria, uma pesquisa descreveu o resultado de uma amostra (n= 385) em relação à proliferação de notícias falsas sobre a COVID-19. O fenômeno da notícia falsa foi estudado usando a estrutura de usos e gratificação, que foi ampliada por uma motivação de altruísmo. Concluiu-se que o altruísmo foi o indicador mais significativo de compartilhamento de notícias falsas entre os nigerianos; o compartilhamento de informações, a socialização, a busca de informações e a passagem do tempo previram o compartilhamento de notícias falsas; entretanto, o entretenimento não mostrou estar associado ao compartilhamento desse tipo de notícias⁽¹⁸⁾.

Estudo realizado com médicos na Espanha mostrou que eles conseguiram discriminar notícias falsas relacionadas ao coronavírus 30,7% melhor do que os indivíduos da população em geral; a detecção de notícias falsas pode ser prevista e otimizada estimulando o pensamento crítico e atitudes céticas. Os níveis de estresse dessas pessoas foram clinicamente mais elevados durante a crise do coronavírus e tais resultados alertaram para a necessidade de zelar e proteger a qualidade profissional dos médicos espanhóis; as suas atitudes em relação ao conhecimento e aceitação das pseudociências foram conservadoras⁽¹⁹⁾.

Então, identifica-se que o compartilhamento dessas notícias apresentou-se e continua a acontecer em âmbito mundial, afetando pessoas de todas as categorias e profissionalização, conforme outros estudos realizados na França⁽²⁰⁾, Argélia⁽²¹⁾, Itália⁽²²⁾, Brasil⁽¹⁵⁾, China⁽²³⁾, entre outros.

As fake news relacionadas à doença COVID-19 e seu tratamento

No Brasil e também no mundo circularam e ainda circulam incontáveis notícias a respeito da doença COVID-19, principalmente no que diz respeito aos possíveis tratamentos e medicamentos de prevenção e cura – do chá caseiro à ozonioterapia retal⁽¹⁵⁾. A seguir são descritos alguns estudos que relatam estas *fake news*.

Estudo brasileiro, que aplicou a análise de conteúdo quantitativa sobre as notícias falsas produzidas e propagadas sobre a COVID-19 por aplicativos, incluindo-se o WhatsApp e identificadas pelo aplicativo “Eu Fiscalizo”, mostrou que as principais *fake news* veiculadas na mídia sobre o coronavírus foram: a utilização de água fervida com alho como tratamento para o coronavírus; o uso de qualquer tipo de máscara impede a entrada do vírus no organismo pois ele é maior do que o normal; o tempo de duração do coronavírus, que em contato com uma superfície metálica permanece vivo por 12 horas e, em tecido, por nove horas e, por isso, ao lavar a roupa essa deve ser colocada ao sol por duas horas para eliminá-lo; o tempo de vida do coronavírus nas mãos (10 minutos); a morte do vírus exposto a uma temperatura superior a 26°; a água exposta ao sol pode ser consumida sem qualquer perigo já que o vírus morre aos 26°; a propagação do vírus no ar; a necessidade de evitar a ingestão de alimentos gelados ou frios; a necessidade de realização de gargarejos com água morna ou salgada para evitar que o vírus vá para os pulmões; a fabricação de álcool em gel nos domicílios com apenas dois ingredientes⁽²⁴⁾.

Em Marrocos, foram identificadas notícias nas redes sociais, muitas comprovadamente falsas, tais como: é possível pegar o coronavírus recebendo um pacote da China; o coronavírus é mais perigoso do que o SARS de 2002; redes criminosas usurpam a identidade de médicos e enfermeiros para a prática de atos criminosos nas casas dos cidadãos, a pretexto de serem delegados pelos serviços médicos especializados no combate ao novo coronavírus; o coronavírus pode viajar até 8 metros de distância ao espirrar ou tossir; o novo coronavírus pode ser transmitido por picadas de mosquito; vacinas contra pneumonia protegem contra novos coronavírus; um oncologista alemão descobriu um medicamento contra o coronavírus; o aplicativo “Wiqaytna” acessa o banco de dados de contatos do usuário; o aplicativo móvel de notificação de exposição COVID-19 será instalado ou ativado automaticamente em todos os telefones, entre outras⁽²⁵⁾.

Na África do Sul, é fato histórico que a hesitação vacinal tem sido um problema, ao lado dos esforços de saúde pública para conter e erradicar as doenças infecciosas. Este problema ampliou-se com a atual pandemia e as investigações realizadas desde o surto da COVID-19 demonstraram a complexidade dos fatores que contribuem para a hesitação vacinal na população. A imprensa veiculou notícias negativas em relação à vacina contra a COVID-19; o governo sul-africano manteve a decisão que a vacina salva vidas; entretanto, a propagação de notícias falsas e falácias nas redes sociais sobre a vacina COVID-19 pode reduzir gravemente a confiança vacinal. A comunidade científica e da saúde deve determinar e abordar as razões por trás da hesitação, tanto em nível global quanto nacional⁽²⁶⁾.

Na Itália, uma pesquisa teve como objetivo avaliar as intenções de ser vacinado contra a COVID-19 em uma população de estudantes de enfermagem, identificando fatores associados às essas intenções. Foi um estudo *on-line*, anônimo realizado com 728 estudantes de enfermagem, de uma mesma universidade, mas com faculdades em locais diferentes. O questionário coletou dados sobre características demográficas e acadêmicas, estado de saúde, atitudes vacinais e razões específicas quanto à intenção de obter ou não a vacinação contra essa doença. Um total de 422 estudantes completaram a pesquisa; quase 81% queriam receber a vacina contra o coronavírus; a intenção de aderir ao programa de vacinação foi associada ao sexo masculino, à vacinação anterior contra a gripe e ao ensino médio; o principal motivo para receber a vacina foi a proteção da família e dos amigos e a principal oposição foi o medo de apresentar eventos adversos⁽²²⁾.

Na China, pesquisa feita com 1205 enfermeiros(as) elegíveis (idade média de 40,79 [anos] 90% mulheres) identificou que menos de dois terços pretendiam tomar a vacina COVID-19 quando disponível, mostrando que a enfermagem não estava pronta para aceitá-la⁽²³⁾. Embora a vacina contra a doença possua eficácia para a proteção dos profissionais de saúde, os achados mostraram que a hesitação da vacina foi um obstáculo e que esse tipo de hesitação, estava sendo uma ameaça global, afetando muitos países.

Estudo realizado na França em que muitos profissionais de saúde apresentaram hesitação para serem vacinados considerou que a falta de conhecimento e de conscientização são as razões mais comuns que levam à hesitação vacinal; o status socioeconômico e o nível de educação mais baixos, juntamente com a falta de conhecimento específico necessário para avaliar criticamente algumas fontes de mídia e a precisão das informações também estão relacionados à essa hesitação. Além disso, os profissionais de saúde não devem ser considerados apenas como uma extensão da organização de saúde plenamente consciente dos conhecimentos médicos, mas também como cidadãos comuns. Quando eles estimam que o risco é tangível e relevante, comportam-se e agem como qualquer outra pessoa,

baseando suas atitudes nas emoções e na experiência pessoal ao invés de no conhecimento analítico. Assim como a população em geral, esses profissionais são expostos e potencialmente influenciados pelas opiniões de suas famílias e amigos e, às vezes, por fontes de informação sensacionalistas, tendenciosas ou mesmo de notícias falsas⁽²⁰⁾.

As fake news e como contê-las para minimizar seus efeitos

Na Índia, pesquisadores preocupados com falsas notícias relacionadas à COVID-19 veiculadas nas mídias sociais dispuseram-se a detectar essas notícias no Twitter. Então, coletaram *tweets* relacionados de diversas fontes; após as anotações humanas e construíram um modelo de atenção neural que recebe várias entradas, como texto do *tweet*, recursos do *tweet*, recursos do usuário e conhecimento externo para cada *tweet*. Após, incorporaram esse modelo ao Cross-SEAN, que funciona em uma configuração semi-supervisionada, aproveitando dados não rotulados e rotulados com compartilhamento ideal de dados em várias informações de *tweet*. O Cross-SEAN mostrou-se eficaz, em comparações que foram feitas com outros modelos. Para fazer uso do Cross-SEAN em tempo real por usuários gerais, foi desenvolvido o Chrome-SEAN, uma extensão do Chrome baseada no Cross-SEAN para sinalizar *tweets* falsos, que mostrou ter um desempenho razoável, apesar de ter sido testado com usuários, ainda em pequena escala⁽¹⁴⁾.

Na Argélia, na tentativa de combate às *fake news*, foi apresentado o “AraCOVID19-MFH”, que se trata de um conjunto de dados de detecção de discurso de ódio e notícias falsas, em árabe, relacionadas à COVID-19 com vários rótulos anotados manualmente. O conjunto de dados contém 10 828 *tweets* em árabe e cada um foi anotado com 10 rótulos diferentes, projetados para considerar alguns aspectos relevantes para a tarefa de verificação de fatos, como a validade da verificação do *tweet*, positividade/negatividade, dialeto e factualidade. Para confirmar a utilidade prática do conjunto de dados anotado, ele foi usado para treinar e avaliar vários modelos de classificação, sendo que dois modelos de transformadores foram ajustados novamente usando dados da COVID-19, conseguindo alcançar os melhores resultados de classificação em todas as categorias testadas. O conjunto de dados é disponibilizado gratuitamente e pode ser usado, também, para a detecção de discurso de ódio, classificação de opinião/notícias, identificação de dialeto e muitas outras tarefas⁽²¹⁾.

Na África do Sul, um estudo foi conduzido por meio da utilização de métodos de pesquisa qualitativa para estabelecer a contribuição das bibliotecas acadêmicas na luta contra as notícias falsas. Bibliotecários acadêmicos contribuíram para a luta contra esse fenômeno infodêmico, tentando conscientizar as pessoas, divulgando informações confiáveis, desenvolvendo apoio à pesquisa e compartilhando as melhores práticas em conferências e outros fóruns. Os resultados afirmaram o papel das bibliotecas da África do Sul e de outros países na luta contra as notícias falsas, fornecendo informações de alta qualidade para

compensar os efeitos das notícias falsas relacionadas à COVID-19, confirmando a importância do papel desempenhado pelas bibliotecas no combate às notícias falsas em geral e, especificamente, em tempos de crise⁽¹³⁾.

Na França, um estudo indicou que as campanhas para esclarecimentos relacionados à COVID-19 devem primeiro ter como alvo os profissionais de saúde paramédicos, administrativos e técnicos mais jovens, com informações escritas e orais. As mensagens devem também ser elaboradas para aumentar a confiança na segurança da vacinação, corrigir conceitos errôneos, aumentar o conhecimento e a conscientização das pessoas e superar a desconfiança nas autoridades. Canais de informação devem ser usados para entregar essas mensagens, incluindo as redes sociais. Destaca-se também que as partes interessadas locais, como especialistas em doenças infecciosas, farmacêuticos e médicos de família podem ser aliados valiosos para este tipo de missão⁽²⁰⁾.

Em Marrocos, foi identificado que uma quantidade considerável de notícias compartilhadas incorpora informações enganosas que afetam negativamente a saúde cognitiva e psicológica dos leitores. Um estudo de caso concentrou-se em notícias falsas tuitadas durante a pandemia de coronavírus com o objetivo de enganar a população-alvo. O método proposto consistiu em uma abordagem de classificação que usou recursos de novos *tweets* e foi baseada no processamento de linguagem natural, aprendizado de máquina e aprendizado profundo. Esse método foi implementado em paralelo com o *apache spark* e os resultados experimentais mostraram que a abordagem produziu resultados muito valiosos, uma vez que usou o algoritmo de floresta aleatória com uma precisão de 79% na detecção de notícias falsas⁽²⁵⁾.

Na Austrália, investigação que objetivou estudar as experiências e pontos de vista da comunidade científica da saúde em relação à propagação e prevenção da desinformação científica dentro e fora do cenário da pandemia da COVID-19, utilizou entrevistas qualitativas com quem produzia, comunicava e estudava pesquisas em ciências da saúde. A produção de pesquisa científica de baixa qualidade, fraudulenta ou tendenciosa; o acesso inadequado à pesquisa de alta qualidade; a insuficiente leitura de estudos de alta qualidade foram alguns elementos considerados favorecedores para as desinformações; estratégias para reduzir ou prevenir a desinformação foram discutidas, incluindo-se o incentivo aos projetos de estudos padronizados, o aumento da utilização de ferramentas automatizadas de avaliação da qualidade, a revisão transparente feita pelos pares, facilitando o uso mais amplo do acesso aberto e o uso de tecnologias mais novas para públicos-alvos. A comunidade científica entendeu que as falhas sistêmicas podem favorecer a produção e a disseminação de informações científicas falsas ou enganosas, tanto em relação à COVID-19 como em outras situações⁽²⁷⁾.

Então, por meio das informações mencionadas anteriormente, é possível identificar um grande esforço mundial para tentar bloquear as *fake news*, que tanto prejudicam a população no que têm de mais valioso, que é a sua saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas atitudes contrárias às científicas foram tomadas pela população e entendidas como verdadeiras, apesar do seu potencial para prejudicar a própria saúde. Tais atitudes e crenças amparadas em desinformações foram causadas por imensuráveis *fake news* relacionadas à COVID-19, em todo o mundo, o que permitiram que várias pessoas adquirissem conhecimentos não fidedignos e que os agregassem em seus hábitos de vida, neste período da pandemia.

Mesmo que se deparem com situações equivocadas geradas pela desinformação por parte da população que devem atender, cabe aos profissionais de saúde enfrentarem a situação e esclarecerem as pessoas, tentando mostrar-lhes e convencê-las a seguirem as informações corretas, transmitidas pelos organismos de saúde oficiais, a fim de não prejudicarem a sua saúde, no âmbito da pandemia em curso.

Contributos dos autores

MR: Coordenação do estudo, desenho do estudo, recolha, armazenamento e análise de dados, revisão e discussão dos resultados.

FT: Desenho do estudo, análise de dados, revisão e discussão dos resultados.

AS: Desenho do estudo, análise de dados, revisão e discussão dos resultados.

LT: Desenho do estudo, análise de dados, revisão e discussão dos resultados.

Todos os autores leram e concordaram com a versão publicada do manuscrito.

Responsabilidades Éticas

Conflitos de Interesse: Os autores declararam não possuir conflitos de interesse.

Suporte Financeiro: O presente trabalho não foi suportado por nenhum subsídio ou bolsa.

Proveniência e Revisão por Pares: Não comissionado; revisão externa por pares.

Ethical Disclosures

Conflicts of Interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financial Support: This work has not received any contribution, grant or scholarship

Provenance and Peer Review: Not commissioned; externally peer reviewed.

REFERÊNCIAS

1. Hunt E. What is fake news? How to spot it and what you can do to stop it. Support the Guardian, News; 2016. <https://www.theguardian.com/media/2016/dec/18/what-is-fake-news-pizzagate>
2. Shu K, Silva A, Wang S, Jang J, Liu H. Fake news detection on social media: a data mining perspective Arxiv; 2017. <https://arxiv.org/abs/1708.01967>
3. Quandt T, Frischlich L, Boberg S, Schatto-Eckrodt T. Fake News, Forms of Journalism. Journalism Studies. 2019;20:2014-33.
4. Schlesinger R. Fake News in Reality on the internet, nobody knows you're a Russian bot trying to undermine American democracy; 2017. <https://www.usnews.com/>
5. Delmazo C, Valente JCL. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. Media Jornalismo. 2018;18:155-69. https://doi.org/10.14195/2183-5462_32_11
6. Alemanno A. How to Counter Fake News? A Taxonomy of Anti-fake News Approaches. Eur J Risk Regulation. 2018;9:1-5. doi:10.1017/err.2018.12
7. Bronstein MV, Pennycook G, Bear A, Rand DG, Cannon TD. Belief in Fake News is Associated with Delusionality, Dogmatism, Religious Fundamentalism, and Reduced Analytic Thinking. J Appl Res Memory Cogn. 2019;8:108-17. doi:10.1016/j.jarmac.2018.09.005
8. Marques R. Fake news: influência na saúde mental frente à pandemia da COVID-19. Bol Conjuntura (BOCA). 2020;3:56-64. <http://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/94/91>
9. Wasserman H, Madrid-Morales D. An Exploratory Study of "Fake News" and Media Trust in Kenya, Nigeria and South Africa. African Journalism Stud. 2019;40:107-23. <https://doi.org/10.1080/23743670.2019.1627230>
10. Recuero R, Gruzd A. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. Galáxia [online]. 2019;41:31-47. <https://doi.org/10.1590/1982-25542019239035>
11. Bermes A. Information overload and Fakes News sharing: A transactional stress perspective exploring the mitigating role of consumers' resilience during COVID-19. J Retailing Consumer Serv. 2021;61:156-64. doi:10.1016/j.jretconser.2021.102555

12. Balakrishnan V, Ng KS, Rahim HA. To share or not to share – The underlying motives of sharing Fakes news amidst the COVID-19 pandemic in Malaysia. *Technol Soc.* 2021;66: 89-94.
13. Bangani S. The fake news wave: Academic libraries' battle against misinformation during COVID-19. *J Acad Librarianship.* 2021;47:265-71. doi:10.1016/j.acalib.2021.102390
14. Paka WS, Bansal R, Kaushik A, Sengupta S, Chakraborty T. Cross-SEAN: A cross-stitch semi-supervised neural attention model for COVID-19 fake news detection. *Applied Soft Computing.* 2021;107:178-86. doi:10.1016/j.asoc.2021.107393
15. Falcão P, Souza AB. Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil. *Reciis.* 2021;15:55-71. doi:10.29397/reciis.v15i1.2219
16. Neto M, Gomes T de O, Porto FR, Rafael R de MR, Fonseca MHS, Nascimento J. Fake news no cenário da pandemia de Covid-19. *Cogitare Enferm.* 2020;25:78-86. doi:10.5380/ce.v25i0.72627
17. Maftai A, Holman AC, Merlici IO. Using Fakes news as means of cyber-bullying: The link with compulsive internet use and online moral disengagement. *Computers in Human Behavior.* 2021;127:65-72. <https://doi.org/107032>
18. Apuke OD, Omar B. Fake news and COVID-19: modelling the predictors of fake news sharing among social media users. *Telematics Informatics.* 2021;56:115-24. doi: 10.1016/j.tele.2020.101475
19. Escolà-Gascón Á, Dagnall N, Gallifa J. Critical thinking predicts reductions in Spanish physicians' stress levels and promotes fake news detection. *Thinking Skills and Creativity.* 2021;42:189-96. doi:10.1016/j.tsc.2021.100934
20. Navarre C, Roy P, Ledochowski S, Fabre M, Esparcieux A, Issartel B, et al. Determinants of COVID-19 vaccine hesitancy in French hospitals. *Infect Dis Now.* 2021;51:647-53. doi: 10.1016/j.idnow.2021.08.004.
21. Ameer MSH, Aliane H. AraCOVID19-MFH: Arabic COVID-19 Multi-label Fake News & Hate Speech Detection Dataset. *Procedia Comp Sci.* 2021;189:232-41. doi:10.1016/j.procs.2021.05.086
22. Belingheri M, Ausili D, Paladino ME, Luciani M, Di Mauro S, Riva MA. Attitudes towards COVID-19 vaccine and reasons for adherence or not among nursing students. *J Prof Nurs.* 2021;37:923-7. doi:10.1016/j.profnurs.2021.07.015.

23. Kwok KO, Li KK, Wei WI, Tang A, Wong SYS, Lee SS. Editor's Choice: Influenza vaccine uptake, COVID-19 vaccination intention and vaccine hesitancy among nurses: A survey. *Int J Nurs Stud*. 2021;114:103854. doi:10.1016/j.ijnurstu.2020.103854.
24. Galhardi CP, Freire NP, Minayo MCS, Fagundes MCM. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. *Ciência Saúde Coletiva*. 2021;25:4201-10. doi:10.1590/1413-812320202510.2.28922020
25. Madani Y, Erritali M; Bouikhalene B. Using artificial intelligence techniques for detecting Covid-19 epidemic fake news in Moroccan tweets. *Results Physics*. 2021;25:256-63. doi:10.1016/j.rinp.2021.104266
26. Bangalee A, Bangalee V. Fake news and fallacies: Exploring vaccine hesitancy in South Africa. *S Afr Fam Pract*. 2021;63:a5345. doi:10.4102/safp.v63i1.5345
27. Parker L, Byrne JA, Goldwater M, Enfield N. Misinformation: an empirical study with scientists and communicators during the COVID-19 pandemic. *BMJ Open Sci*. 2021;5:e100188. doi:10.1136/bmjos-2021-100188.